

1.0

Reza a lenda familiar que o avô de Ferguson partiu a pé da sua cidade natal de Minsk com cem rublos escondidos no forro do casaco, viajou para ocidente até Hamburgo, via Varsóvia e Berlim, e depois comprou passagem num navio chamado *The Empress of China*, que atravessou o Atlântico sob duras tempestades de inverno e entrou no Porto de Nova Iorque no primeiro dia do século xx. Enquanto esperava para ser interrogado por um funcionário da imigração em Ellis Island, encetou uma conversa com outro judeu russo. O homem disse-lhe: *Esquece o nome Reznikoff. Aqui não te serve de nada. Precisas de um nome americano para a tua nova vida na América, algo que soe americano*. Dado que o inglês ainda era uma língua estranha para Isaac Reznikoff em 1900, ele pediu uma sugestão ao seu compatriota, mais velho e mais experiente. *Diz-lhes que és Rockefeller*, disse o homem. *Com um nome desses, só pode correr bem*. Uma hora passou, depois outra, e quando Reznikoff, de dezanove anos, se sentou para ser interrogado pelo funcionário da imigração, tinha-se esquecido do nome que o homem lhe dissera para dar. *O teu nome?*, perguntou o funcionário. Batendo na cabeça de frustração, o imigrante cansado disse, brusca-mente, em iídiche: *Ikh hob fargessen (Esqueci-me)*! E foi assim que Isaac Reznikoff começou a sua nova vida na América como Ichabod Ferguson.

Passou um mau bocado, especialmente no início, mas mesmo depois de já não ser o início, as coisas nunca correram como imaginara no seu país adotivo. Era verdade que tinha conseguido encontrar uma mulher logo a seguir ao seu vigésimo sexto aniversário, e também era verdade que a sua mulher, Fanny, cujo nome de solteira era Grossman,

lhe deu três filhos robustos e saudáveis, mas a vida na América continuou a ser uma luta para o avô de Ferguson desde o dia em que ele desembarcou até à noite de 7 de março de 1923, data em que encontrou uma morte prematura e inesperada aos quarenta e dois anos – abatido a tiro num assalto ao armazém de artigos de couro em Chicago onde estava empregado como vigilante noturno.

Nenhuma fotografia sua sobreviveu, mas tanto quanto se sabe, era um homem grande com costas fortes e mãos enormes, inculto, sem arte, o perfeito exemplo de um papalvo ignorante. Na sua primeira tarde em Nova Iorque, encontrou por acaso um vendedor de rua a apregoar as maçãs mais vermelhas, redondas e perfeitas que já tinha visto. Incapaz de resistir, comprou uma e mordeu-a avidamente. Em vez da doçura que esperava, o gosto era amargo e estranho. Pior ainda, a maçã era asquerosamente mole, e assim que os dentes de Ferguson furaram a casca, o interior do fruto jorrou sobre a frente do seu casaco numa chuva de líquido vermelho-claro salpicado de pequenas grainhas esféricas. Foi este o seu primeiro sabor do Novo Mundo, o seu primeiro e inesquecível encontro com um tomate de Jersey.

Não um Rockefeller, portanto, mas sim um espadaúdo criado para todo o serviço, um gigante hebraico com um nome absurdo e um par de pés inquietos que tentou a sorte em Manhattan e Brooklyn, em Baltimore e Charleston, em Duluth e Chicago, trabalhando, diversamente, como estivador, grumete num navio-cisterna dos Grandes Lagos, tratador de animais num circo itinerante, operário de linha de montagem numa fábrica de enlatados, camionista, cavador de valas e vigilante noturno. Apesar de todos os seus esforços, nunca ganhou mais do que trocos, e portanto as únicas coisas que o pobre Ike Ferguson deixou à mulher e aos três filhos foram as histórias que lhes contara sobre as aventuras errantes da sua juventude. A longo prazo, histórias provavelmente não valem menos do que dinheiro, mas a curto prazo têm as suas inegáveis limitações.

A empresa de artigos de couro deu algum dinheiro a Fanny para compensar a sua perda e depois ela deixou Chicago com os rapazes, mudando-se para Newark, em New Jersey, a convite da família do marido, que lhe alugou o apartamento do último andar na sua casa em Central Ward por uma renda simbólica. Os seus filhos tinham catorze, doze e nove anos. Louis, o mais velho, há muito passara a ser Lew. Aaron, o do meio, ganhara o hábito de se chamar Arnold depois de demasiadas tarefas no recreio, em Chicago, e Stanley, o de nove anos,

era conhecido por todos como Sonny. Para pagar as contas, a mãe deles lavava e remendava roupa, mas em breve os rapazes também estavam a contribuir para as finanças do lar, cada um com um trabalho depois da escola, cada um entregando todos os cêntimos que ganhava à mãe. Os tempos eram difíceis e a ameaça de indigência enchia as divisões do apartamento como uma névoa densa e ofuscante. Não havia como fugir ao medo, e pouco a pouco os três rapazes absorveram as sombrias conclusões ontológicas da sua mãe sobre o propósito da vida. Trabalhar ou passar fome. Trabalhar ou perder o teto. Trabalhar ou morrer. Para os Ferguson, a ideia tola de Um-Por-Todos-E-Todos-Por-Um não existia. No pequeno mundo deles, era Todos-Por-Todos – ou nada.

Ferguson ainda não tinha dois anos quando a avó morreu, pelo que não guardava nenhuma memória consciente dela, mas reza a lenda familiar que Fanny era uma mulher difícil e errática, propensa a violentos ataques de gritaria e incontrolláveis crises de soluços, que batia nos filhos com vassouras sempre que eles se portavam mal e estava proibida de entrar em certas lojas locais por regatear os preços em tons vociferantes. Ninguém sabia onde nascera, mas constava que tinha chegado a Nova Iorque aos catorze anos, órfã, e passara vários anos num sótão sem janelas no Lower East Side, a fazer chapéus. O pai de Ferguson, Stanley, raramente falava dos pais ao filho, respondendo às perguntas do rapaz apenas com as mais vagas respostas curtas e cautelosas, e a pouca informação que o jovem Ferguson conseguiu obter sobre os seus avós paternos veio quase exclusivamente da mãe, Rose, a mais nova, por muitos anos de diferença, das três cunhadas da segunda geração dos Ferguson, que por sua vez recebera a maior parte daquela informação de Millie, a mulher de Lew, uma mulher com um gosto pela bisbilhotice que era casada com um homem bem menos reservado e bem mais falador do que Stanley ou Arnold. Quando Ferguson tinha dezoito anos, a mãe transmitiu-lhe uma das histórias de Millie, apresentada como não mais do que um rumor, uma conjectura infundada que podia ter sido verdade – ou não. Segundo o que Lew tinha contado a Millie, ou o que Millie dizia que ele lhe tinha contado, os Ferguson tiveram um quarto filho, uma menina nascida três ou quatro anos depois de Stanley, na altura em que a família se tinha instalado em Duluth e Ike estava à procura de trabalho como grumete num navio dos Grandes Lagos, um período de meses em que a família vivia numa pobreza extrema, e como Ike estava fora quando Fanny deu à luz, e como o sítio era o Minnesota e a estação era o inverno, um inverno especialmente gélido num sítio

especialmente frio, e como a casa onde viviam era aquecida por um único fogão a lenha, e como havia tão pouco dinheiro na altura que Fanny e os rapazes tinham sido obrigados a viver com uma refeição por dia, a ideia de ter de tomar conta de outra criança assustou-a tanto que ela afogou a filha recém-nascida na banheira.

Stanley não só falava pouco sobre os pais ao filho, como também não falava muito sobre si próprio. Isto fez com que fosse difícil para Ferguson formar uma imagem clara de como o pai tinha sido em criança, ou em adolescente, ou em jovem, ou no que quer que fosse até casar com Rose dois meses depois de completar trinta anos. A partir de comentários espontâneos que às vezes saíam da boca do pai, Ferguson conseguiu todavia concluir isto: que Stanley tinha sido muito gozado e maltratado pelos irmãos mais velhos, que, sendo o mais novo dos três e portanto aquele que tinha passado a menor parte da infância com um progenitor vivo, era o mais afeiçoado a Fanny, que tinha sido um aluno aplicado e era sem dúvida o melhor atleta dos três irmãos, que tinha jogado a extremo na equipa de futebol e tinha corrido o quarto de milha pela equipa de atletismo em Central High, que o seu talento para a eletrónica o tinha levado a abrir uma pequena oficina de reparação de rádios depois de acabar o liceu em 1932 (*um buraco na parede em Academy Street, no centro de Newark, como ele dizia, pouco maior do que a banca de um engraxador*), que o seu olho direito tinha sido ferido durante um dos ataques de vassoura da mãe quanto tinha onze anos (cegando-o parcialmente e tornando-o assim inapto para o serviço militar durante a Segunda Guerra Mundial), que desprezava a alcunha Sonny e a largou assim que deixou a escola, que adorava dançar e jogar ténis, que nunca disse uma palavra contra os irmãos, por muito estúpidos ou desdenhosos que fossem com ele, que o seu trabalho de infância depois da escola era distribuir jornais, que considerou seriamente estudar Direito mas abandonou a ideia por falta de dinheiro, que era conhecido como um mulherengo quando tinha vinte anos e saiu com montes de raparigas judias sem qualquer intenção de casar com nenhuma delas, que fez várias excursões a Cuba nos anos trinta quando Havana era a capital do pecado do hemisfério ocidental, que a sua maior ambição na vida era tornar-se milionário, um homem tão rico como Rockefeller.

Tanto Lew como Arnold casaram com vinte e poucos anos, ambos determinados a libertarem-se do lar tresloucado de Fanny o mais rápido que conseguissem, para escapar à monarca vociferante que governara os Ferguson desde a morte do pai em 1923, mas Stanley, ainda na

adolescência quando os irmãos se puseram a andar, não teve alternativa senão ficar. Afinal de contas, mal tinha acabado de sair do liceu, mas depois os anos passaram, um após o outro durante onze anos, e ele continuou a ficar, partilhando, inexplicavelmente, o mesmo apartamento do último andar com Fanny durante a Depressão e o primeiro ano da guerra, talvez preso ali por inércia ou preguiça, talvez motivado por um sentimento de dever ou culpa para com a mãe, ou talvez impelido por todas estas coisas, o que fazia com que fosse impossível para ele imaginar viver noutra sítio qualquer. Tanto Lew como Arnold tiveram filhos, mas Stanley parecia contentar-se com relações frívolas, gastando o grosso das suas energias a tornar o seu pequeno negócio num negócio maior, e porque ele não mostrava nenhuma inclinação para casar, mesmo ao passar o quarto de século e aproximar-se dos trinta, parecia haver poucas dúvidas de que iria ficar solteiro para o resto da sua vida. Então, em outubro de 1943, menos de uma semana depois do Quinto Exército Americano tomar Nápoles aos Alemães, no meio daquele período esperançoso em que a guerra estava finalmente a virar para o lado dos Aliados, Stanley conheceu Rose Adler, de vinte e um anos, num encontro arranjado por amigos comuns, em Nova Iorque, e o encanto da eterna vida de solteiro morreu uma morte rápida e permanente.

Tão bonita era, a mãe de Ferguson, tão atraente, com os seus olhos verde-acinzentados e cabelo castanho comprido, tão espontânea e alerta e pronta a sorrir, tão deliciosamente bem-feita em todo o metro e sessenta que lhe tinha cabido em sorte, que Stanley, ao apertar-lhe a mão primeira vez, o remoto e normalmente desligado Stanley, o Stanley de vinte e nove anos que nunca tinha sido queimado pelo fogo do amor, sentiu-se desintegrar na presença de Rose, como se todo o ar tivesse sido sugado dos seus pulmões e nunca mais conseguisse voltar a respirar.

Também ela era filha de imigrantes, um pai nascido em Varsóvia e uma mãe nascida em Odessa, ambos chegados à América antes dos três anos. Os Adler eram por conseguinte uma família mais assimilada do que os Ferguson, e as vozes dos pais de Rose nunca tinham carregado o mais pequeno vestígio de um sotaque estrangeiro. Tinham crescido em Detroit e em Hudson, Nova Iorque, e o iídiche, polaco e russo dos seus pais tinham dado lugar a um inglês fluente, idiomático, ao passo que o pai de Stanley se tinha esforçado para dominar a sua segunda língua até ao dia em que morreu, e mesmo agora, em 1943, a cerca de meio século de distância das suas origens na Europa Oriental, a mãe dele ainda

lia o *Jewish Daily Forward*, em vez dos jornais americanos, e exprimia-se numa estranha linguagem misturada a que os filhos chamavam «ingliche», um patoá quase incompreensível que combinava iídiche e inglês em quase todas as frases que lhe saíam da boca. Esta era uma diferença essencial entre os progenitores de Rose e Stanley, mas ainda mais importante do que o grau de adaptação dos pais à vida americana, era a questão da sorte. Os pais e os avós de Rose tinham conseguido escapar aos brutais reveses da fortuna que tinham castigado os infelizes Ferguson, e a sua história não incluía homicídios nem assaltos a armazéns, pobreza ao ponto da fome e do desespero, ou bebés afogados em banheiras. O avô de Detroit era alfaiate, o avô de Hudson era barbeiro, e embora cortar roupa e cortar cabelo não fossem o género de trabalho que conduzia à riqueza e ao sucesso material, proporcionavam um rendimento constante o suficiente para pôr comida na mesa e roupa nas costas das crianças.

O pai de Rose, Benjamin, conhecido como Ben ou Benjy, deixou Detroit no dia em que acabou o liceu em 1911 e dirigiu-se a Nova Iorque, onde um parente afastado lhe tinha arranjado trabalho como empregado de balcão numa loja de roupa no centro, mas o jovem Adler desistiu do emprego passadas duas semanas, sabendo que o destino não queria que ele desperdiçasse o seu curto tempo na Terra a vender meias e roupa interior de homem, e trinta e dois anos mais tarde, depois de períodos como vendedor ao domicílio de produtos de limpeza, distribuidor de discos de gramofone, soldado na Primeira Guerra Mundial, vendedor de carros e coproprietário de um negócio de carros usados em Brooklyn, agora ganhava a vida como um de três sócios minoritários numa agência imobiliária de Manhattan, com um salário alto o suficiente para ter mudado a sua família de Crown Heights, em Brooklyn, para um prédio novo em West Fifty-eighth Street em 1941, seis meses antes de a América entrar na guerra.

Segundo o que tinha sido relatado a Rose, os pais conheceram-se num piquenique de domingo no norte do estado de Nova Iorque, não muito longe da casa da mãe, em Hudson, e em menos de meio ano (novembro de 1919), os dois estavam casados. Como Rose mais tarde confessou ao filho, este casamento sempre a intrigara, pois raramente vira duas pessoas menos compatíveis do que os seus pais, e o facto de o casamento durar mais de quatro décadas era sem dúvida um dos grandes mistérios nos anais do casamento humano. Benjy era um espertalhão de falinhas mansas, um maquinador com cem planos nos seus bolsos,

um contador de anedotas, um homem ganancioso que açambarcava sempre o centro das atenções, e ali estava ele naquele piquenique de domingo no norte do estado a apaixonar-se por uma mulher tímida chamada Emma Bromowitz, uma rapariga redonda, de peito generoso, de vinte e três anos, com a mais pálida das peles brancas e uma coroa de volumoso cabelo ruivo, tão virginal, tão inexperiente, tão vitoriana na sua expressão que bastava olhar para ela para se concluir que os seus lábios nem por uma vez tinham sido tocados pelos lábios de um homem. Não fazia sentido eles terem casado, todos os sinais indicavam que estavam condenados a uma vida de conflito e desentendimento, mas foi o que fizeram, e embora Benjy tivesse dificuldade em manter-se fiel a Emma depois de as filhas deles nascerem (Mildred em 1920, Rose em 1922), dedicava-lhe o seu coração, e ela, ainda que enganada uma e outra vez, nunca arranjou coragem para se virar contra ele.

Rose adorava a irmã mais velha, mas não se pode dizer que o sentimento fosse recíproco, pois a primogénita Mildred tinha aceitado naturalmente o seu lugar inato como princesa da casa, e a pequena rival que tinha entrado em cena teria de ser ensinada – repetidamente, se necessário – que apenas havia um trono no apartamento dos Adler em Franklin Avenue, um trono e uma princesa, e qualquer tentativa de usurpar esse trono seria recebida com uma declaração de guerra. Isto não quer dizer que Mildred fosse abertamente hostil a Rose, mas as suas bondades eram medidas em colheres de chá, não mais do que tanta bondade por minuto ou hora ou mês, e sempre concedida com um toque de altiva condescendência, como cabia a uma pessoa do seu estatuto real. Mildred, fria e circunspecta; Rose, bondosa e sentimental. Quando as raparigas tinham doze e dez anos, já era evidente que Mildred tinha uma cabeça excecional, que o seu sucesso na escola não era apenas fruto de trabalho diligente mas também de dotes intelectuais superiores, e embora Rose fosse esperta o suficiente e obtivesse notas perfeitamente respeitáveis, não passava de uma nulidade quando comparada com a irmã. Sem compreender os seus motivos, sem uma única vez pensar conscientemente nisso ou formular um plano, Rose deixou pouco a pouco de competir com Mildred, pois sabia instintivamente que tentar emular a irmã só podia resultar em fracasso, e por conseguinte, se queria ser feliz, teria de seguir um caminho diferente.

Encontrou a solução no trabalho, em tentar estabelecer um lugar para si ganhando o seu próprio dinheiro, e assim que fez catorze anos e teve idade suficiente para se candidatar a documentos de trabalho,

arranjou o seu primeiro emprego, que rapidamente conduziu a uma série de outros empregos, e aos dezasseis anos já tinha um emprego a tempo inteiro de dia e frequentava o liceu à noite. Que Mildred se recolha no claustro do seu cérebro forrado a livros, que rume à universidade e leia todos os livros escritos nos últimos dois mil anos, mas o que Rose queria, e o *habitat* natural de Rose, era o mundo real, o movimento e o clamor das ruas de Nova Iorque, a consciência de saber defender-se e trilhar o seu próprio caminho. Como as resolutas e perspicazes heroínas dos filmes que via duas e três vezes por semana, a infundável brigada de produções protagonizadas por Claudette Colbert, Barbara Stanwyck, Ginger Rogers, Joan Blondell, Rosalind Russell e Jean Arthur, ela assumiu o papel de jovem determinada e empenhada na sua profissão, e abraçou-o como se estivesse a viver num filme só seu, *A História de Rose Adler*, aquele filme longo e infinitamente complexo que ainda estava na sua primeira bobina mas prometia muito nos anos vindouros.

Quando conheceu Stanley em outubro de 1943, trabalhava há dois anos para um retratista chamado Emanuel Schneiderman, cujo estúdio estava situado em West Twenty-seventh Street, perto de Sixth Avenue. Rose tinha começado com as funções de rececionista, secretária e contabilista, mas quando o assistente fotográfico de Schneiderman se alistou em junho de 1942, Rose substituiu-o. O velho Schneiderman tinha sessenta e tal anos por essa altura, era um imigrante alemão, judeu, que tinha vindo para Nova Iorque com a mulher e os dois filhos depois da Primeira Guerra Mundial, um homem temperamental dado a acessos de mau humor e linguagem francamente insultuosa, mas com o tempo tinha concebido uma afeição renitente pela bela Rose, e porque tinha consciência da atenção com que ela o observara a trabalhar desde os seus primeiros dias no estúdio, decidiu empregá-la como assistente e aprendiz e ensinar-lhe o que sabia sobre câmaras, iluminação e revelação – toda a arte e ofício do seu negócio. Rose, que até então nunca soubera bem para onde ia, que tivera vários empregos de escritório pelo salário que ganhava mas pouco mais, isto é, sem qualquer esperança de satisfação interior, sentiu que tinha de súbito encontrado, por acaso, uma vocação – não apenas outro emprego, mas uma nova forma de estar no mundo: olhar para os rostos de outros, cada dia mais rostos, cada manhã e tarde rostos diferentes, cada rosto diferente de todos os outros rostos, e não tardou muito que percebesse que adorava este trabalho de olhar para os outros e que nunca iria, nunca poderia, cansar-se dele.

Stanley estava agora a trabalhar com os seus irmãos, que tinham ambos sido dispensados do serviço militar (pés chatos e problemas de visão), e depois de várias reinvenções e expansões, a pequena oficina de reparação de rádios aberta em 1932 tinha-se transformado numa loja de mobília e eletrodomésticos bastante grande em Springfield Avenue, com todos os encantos e artimanhas do comércio americano contemporâneo: planos de compra a prestações a longo prazo, promoções «leva três paga dois», grandes saldos semianuais, um serviço de aconselhamento para recém-casados e promoções especiais no Dia da Bandeira. Arnold tinha sido o primeiro a juntar-se a ele, o néscio e desastrado irmão do meio, que perdera vários empregos de vendedor e estava a ter dificuldade em sustentar a mulher, Joan, e os três filhos, e dois anos mais tarde Lew juntou-se ao grupo, não porque tivesse qualquer interesse em mobília ou eletrodomésticos, mas porque Stanley acabara de pagar as suas dívidas de jogo pela segunda vez em cinco anos e tinha-o obrigado a entrar no negócio como prova de boa-fé e contrição, com a condição de que qualquer relutância por parte de Lew implicaria nunca receber outro cêntimo seu para o resto da sua vida. Assim nasceu a empresa conhecida como 3 Brothers Home World, que estava essencialmente sob a direção de um irmão, Stanley, o mais novo e mais ambicioso dos filhos de Fanny, que, por uma perversa mas inatacável convicção de que a lealdade familiar ultrapassava todos os outros atributos humanos, tinha de bom grado assumido o fardo de carregar os dois irmãos fracassados, que lhe manifestavam a sua gratidão chegando repetidamente atrasados ao trabalho, pifando notas de dez e de vinte da caixa registadora sempre que tinham os bolsos vazios e, nos meses quentes, saindo para jogar golfe depois do almoço. Se Stanley ficava incomodado com as suas ações, nunca se queixava, pois as leis do universo proibiam que nos queixássemos dos nossos irmãos, e mesmo que os lucros da Home World fossem um tanto mais baixos do que seriam sem a despesa dos salários de Lew e Arnold, o negócio era bastante rentável, e assim que a guerra acabasse, dali a um ano ou dois, a conjuntura seria ainda mais favorável, pois nessa altura chegaria a televisão, e os irmãos seriam os primeiros rapazes do quarteirão a vendê-las. Não, Stanley ainda não era um homem rico, mas há já algum tempo que o seu rendimento crescia constantemente, e quando conheceu Rose naquela noite de outubro em 1943, estava certo de que os melhores dias ainda estavam para vir.

Ao contrário de Stanley, Rose já tinha sido queimada pelo fogo do amor arrebatado. Se não fosse a guerra, que lhe roubara esse amor,

os dois nunca se teriam conhecido, pois ela já se teria casado com alguém muito antes daquela noite de outubro, mas o jovem com quem estava comprometida, David Raskin, o futuro médico, nascido em Brooklyn, que entrara na sua vida quando ela tinha dezassete anos, tinha sido morto numa explosão insólita, durante um exercício de instrução em Fort Benning, na Geórgia. A notícia havia chegado em agosto de 1942, e depois disso, Rose passara muitos meses de luto, ora caída em torpor ora ressentida, esvaziada, desesperada, meio louca de mágoa, amaldiçoando a guerra ao gritar para a sua almofada à noite, incapaz de aceitar o facto de que David nunca mais voltaria a tocá-la. A única coisa que lhe deu força durante aqueles meses foi o trabalho com Schneiderman, que lhe trazia algum consolo, algum prazer, um motivo para sair da cama de manhã, mas já não tinha apetite para conviver, nem interesse em conhecer outros homens, reduzindo a sua vida a uma mera rotina de trabalho, casa e idas ao cinema com a sua amiga Nancy Fein. Pouco a pouco, no entanto, sobretudo nos últimos dois ou três meses, Rose tinha gradualmente começado a voltar ao normal de novo, redescobrimo que a comida tinha um sabor quando a pomas na boca, por exemplo, e que quando a chuva caía na cidade não caía apenas nela, que todos os homens, mulheres e crianças tinham de saltar as mesmas poças que ela. Não, nunca recuperaria da morte de David, ele seria sempre o fantasma secreto que a acompanhava no seu caminho vacilante para o futuro, mas aos vinte e um anos era demasiado jovem para virar as costas ao mundo, e se não fizesse um esforço para reentrar nesse mundo, ela sabia que ia definhir e morrer.

Foi Nancy Fein quem lhe organizou o encontro com Stanley, a cáustica e espirituosa Nancy dos dentes grandes e braços magros, que tinha sido a melhor amiga de Rose desde os seus tempos de infância juntas em Crown Heights. Nancy conhecera Stanley num baile de fim de semana nas Catskills, uma daquelas festas muito concorridas no Brown's Hotel para os descomprometidos-mas-ativamente-à-procura jovens judeus da cidade, *o mercado de carne kosher*, como Nancy dizia, e embora a própria Nancy não estivesse ativamente à procura (estava comprometida com um soldado colocado no Pacífico que tanto quanto se sabia ainda estava entre os vivos), tinha ido com uma amiga, por gozo, e acabara por dançar um par de vezes com *um tipo de Newark chamado Stanley*. Ele queria vê-la outra vez, disse Nancy, mas depois de ela lhe contar que já tinha prometido a sua virgindade a outra pessoa, ele sorriu, fez uma pequena vénia cómica e estava prestes a afastar-se

quando ela lhe começou a falar na sua amiga Rose, Rose Adler, *a rapariga mais bonita deste lado do Danúbio e a pessoa mais simpática deste lado de qualquer parte*. Tais eram os sentimentos genuínos de Nancy por Rose, e quando Stanley percebeu que ela estava a falar a sério, disse-lhe que gostava de conhecer esta sua amiga. Nancy pediu desculpa a Rose por ter mencionado o nome dela, mas Rose limitou-se a encolher os ombros, sabendo que Nancy não fizera por mal, e depois perguntou: Então, como é que ele é? Segundo Nancy, Stanley Ferguson tinha cerca de um metro e oitenta, era atraente, um pouco velho, sendo quase trinta velho aos seus olhos de vinte e um anos, com um negócio próprio e aparentemente a sair-se bem, encantador, educado e muito bom dançarino. Depois de Rose absorver esta informação, fez uma pausa por alguns momentos, ponderando se estaria à altura do desafio de um encontro com um desconhecido, e então, a meio destas reflexões, ocorreu-lhe de súbito que David morrera há mais de um ano, Quer quisesse quer não, tinha chegado o momento de se aventurar de novo. Olhou para Nancy e disse: Suponho que devia ver esse Stanley Ferguson, não achas?

Anos mais tarde, quando Rose contou ao filho os acontecimentos daquela noite, omitiu o nome do restaurante onde ela e Stanley se encontraram para jantar. Todavia, se a memória não lhe falhara, Ferguson acreditava que era algures no centro de Manhattan, East Side ou West Side não se sabia, mas um sítio elegante com toalhas brancas e empregados de laço e jaqueta preta, o que significava que Stanley tinha conscientemente procurado impressioná-la, provar que podia fazer extravagâncias como aquela sempre que quisesse, e sim, achou-o atraente fisicamente, ficou impressionada com a sua rapidez, com a graça e fluidez do seu corpo em movimento, mas também com as mãos, o tamanho e a força das mãos dele, reparou nisso de imediato, e os olhos plácidos, nada agressivos, que nunca paravam de olhar para ela, olhos castanhos, nem grandes nem pequenos, e as espessas sobrancelhas pretas que os coroavam. Desconhecedora do impacto monumental que tinha causado no seu aturdido companheiro de jantar, o aperto de mão que levava à completa desintegração do âmago de Stanley, ela ficou um pouco confusa com o pouco que ele disse durante o início da refeição, e portanto julgou que fosse uma pessoa desmesuradamente tímida, o que não era bem o caso. Porque ela própria estava nervosa, e porque Stanley continuava ali sentado praticamente mudo, ela acabou por falar pelos dois, ou seja, falou de mais, e à medida que os minutos passavam, foi

ficando cada vez mais horrorizada consigo mesma por falar e falar como uma tagarela inane, gabando-se da sua irmã, por exemplo, dizendo-lhe que Mildred era uma aluna brilhante, *summa cum laude* de Hunter em junho passado e agora matriculada numa pós-graduação em Columbia, a única mulher no Departamento de Inglês, uma de apenas três judeus, imagina como a família estava orgulhosa, e mal mencionou a família, já estava a falar no tio Archie, o irmão mais novo do pai, Archie Adler, o teclista do Downtown Quintet, atualmente a tocar no Moe's Hideout em Fifty-second Street, e como era inspirador ter um músico na família, um artista, um renegado que pensava noutras coisas para além de ganhar dinheiro, sim, ela adorava o tio Archie, ele era de longe o seu parente favorito, e então, inevitavelmente, começou a falar do seu trabalho com Schneiderman, enumerando todas as coisas que ele lhe ensinara no último ano e meio, o maldispósito e malcriado Schneiderman, que a levava a Bowery aos domingos à tarde para procurar velhos bêbados e vagabundos, criaturas acabadas com as suas barbas brancas e cabelo branco comprido, cabeças magníficas, as cabeças de profetas e reis ancestrais, e Schneiderman dava dinheiro a estes homens para irem ao estúdio posar para si, na maioria dos casos fantasiados, os velhos vestidos com turbantes e mantos e túnicas de veludo, tal como Rembrandt tinha fantasiado os indigentes de Amesterdão no século XVII, e era essa a luz que usavam com estes homens, a luz de Rembrandt, luz e escuridão juntas, sombra profunda, sombra completa com o mais ínfimo toque de luz, e por esta altura Schneiderman confiava o suficiente nela para lhe permitir montar a iluminação sozinha, ela tinha feito dúzias destes retratos sozinha, e então usou a palavra *chiaroscuro*, e percebeu que Stanley não fazia ideia do que ela estava a falar, que bem podia estar a falar japonês, tal era o sentido que fazia para ele, mas mesmo assim ele continuou a olhar para ela, a ouvi-la, absorto e calado, estupefacto.

Foi uma atuação vergonhosa, achou ela, um embaraço. Felizmente, o monólogo foi interrompido pela chegada do prato principal, o que lhe deu alguns momentos para se concentrar, e quando começaram a comer (pratos desconhecidos), ela já estava calma o suficiente para perceber que a sua característica divagação tinha sido uma cortina para se proteger de falar sobre David, pois esse era o único tema de que não queria falar, se recusava a falar, e portanto tinha feito um esforço grande, e ridículo, para evitar expor a sua ferida. Stanley Ferguson não tinha nada a ver com aquilo. Parecia ser um homem decente, e não tinha culpa de ter

sido rejeitado pelo exército, de estar sentado naquele restaurante vestido com roupas civis de belo corte em vez de a caminhar pesadamente pela lama num campo de batalha distante ou a ser desfeito em pedaços durante um exercício de instrução. Não, não tinha culpa, e ela seria uma pessoa cruel se o culpasse por ter sido poupado, e no entanto, era inevitável fazer a comparação, era inevitável questionar porque haveria este homem de estar vivo e David morto.

Apesar de tudo isto, o jantar correu relativamente bem. Assim que Stanley recuperou do choque inicial e conseguiu respirar de novo, mostrou-se uma pessoa amigável, não arrogante como tantos homens eram, mas sim atencioso e bem-educado, não propriamente espirituoso, talvez, mas alguém receptivo ao humor, que se ria quando ela dizia alguma coisa minimamente engraçada, e quando ele falou do seu trabalho e dos seus planos para o futuro, foi evidente para Rose que havia nele algo de sólido, fiável. Era pena que fosse um homem de negócios sem qualquer interesse em Rembrandt ou em fotografia, mas pelo menos era pró-FDR (essencial) e era sincero o bastante para admitir que pouco ou nada sabia sobre muitas coisas, incluindo pintura do século XVII e a arte de fotografar. Ela gostou dele. Achou-o uma companhia agradável, mas mesmo que possuísse todas ou a maioria das qualidades de um suposto bom partido, sabia que nunca poderia apaixonar-se por ele como Nancy esperava que acontecesse. Depois da refeição no restaurante, vaguearam pelos passeios do centro durante meia hora, pararam para beber um copo no Moe's Hideout, onde acenaram ao tio Archie enquanto ele trabalhava as teclas do seu piano (ele respondeu com um grande sorriso e uma piscadela), e depois Stanley acompanhou-a até ao apartamento dos pais dela em West Fifty-eighth Street. Subiu no elevador com ela, mas Rose não o convidou a entrar. Estendendo o braço para um aperto de mão de boas-noites (evitando com destreza qualquer hipótese de um beijo antecipado), ela agradeceu-lhe pela noite agradável e depois voltou-se, abriu a porta e entrou no apartamento, quase certa de que nunca mais ia vê-lo.

Foi diferente para Stanley, claro, tinha sido diferente desde o primeiro momento daquele primeiro encontro, e como ele não sabia nada sobre David Raskin e o coração pesaroso de Rose, calculou que teria de agir depressa, pois uma rapariga como Rose não era alguém que ficasse livre por muito tempo, teria sem dúvida outros homens a rondá-la, ela era irresistível, cada partícula do seu ser transpirava graça e beleza e bondade, e pela primeira vez na sua vida Stanley propôs-se a fazer

o impossível, derrotar a crescente horda de pretendentes de Rose e conquistá-la para si, visto que esta era a mulher com quem tinha decidido que devia casar, e se não fosse Rose a tornar-se sua mulher, não seria ninguém.

Durante os quatro meses seguintes, telefonou-lhe muitas vezes, não vezes suficientes para se tornar uma praga, mas regularmente, com persistência, com uma concentração e uma determinação constantes, ultrapassando os seus rivais imaginados com o que acreditava ser engenho estratégico, quando a verdade era que não havia rivais de peso em cena, apenas dois ou três homens com quem Nancy a havia juntado depois de ela conhecer Stanley em outubro, mas um a um Rose achara esses outros insuficientes, tinha rejeitado posteriores convites deles, e continuava a esperar a sua hora, o que queria dizer que Stanley era um cavaleiro a carregar através de um campo vazio, embora visse inimigos fantasma a toda a sua volta. Os sentimentos de Rose em relação a ele não tinham mudado, mas preferia a companhia de Stanley à solidão do seu quarto ou a ouvir rádio com os pais depois do jantar, e por isso raras vezes recusava quando ele a convidava para sair à noite, aceitando ofertas para fazer patinagem no gelo, jogar *bowling*, dançar (sim, ele era um dançarino espantoso), assistir a um concerto de Beethoven em Carnegie Hall, dois musicais da Broadway e vários filmes. Depressa descobriu que os dramas não tinham qualquer efeito em Stanley (adormeceu durante *A Canção de Bernadette* e *Por Quem os Sinos Dobram*), mas os seus olhos ficavam sempre abertos nas comédias, *Gente a Mais... Casa a Menos*, por exemplo, um filme leve e delicioso sobre a escassez de casas em Washington durante a guerra que os fez rir aos dois, protagonizado por Joel McCrae (tão bonito) e Jean Arthur (uma das atrizes preferidas de Rose), mas foi algo que um dos outros atores disse o que mais a impressionou, uma fala de Charles Coburn, no papel de uma espécie de Cupido disfarçado de velho gordo americano, uma fala que ele repetia muitas vezes ao longo do filme: um jovem simpático e aprumado, do género nobre – como se fosse um encantamento a exaltar as virtudes do tipo de marido que toda a mulher deveria querer. Stanley Ferguson era aprumado, simpático e ainda relativamente jovem, e se *género nobre* significava íntegro, amável e respeitador da lei, ele era todas essas coisas também, mas Rose não tinha de modo algum a certeza de que estas fossem as virtudes que procurava, não depois do amor que partilhara com o intenso e volátil David Raskin, que tinha sido um amor esgotante por vezes, mas vívido e sempre inesperado nas suas diversas formas,

ao passo que Stanley parecia tão brando e previsível, tão seguro, e ela ponderou se esta constância de caráter seria, em última análise, uma virtude ou um defeito.

Por outro lado, ele não lhe tocava e não lhe pedia beijos que sabia que ela não estava disposta a dar, embora por esta altura fosse manifestamente claro que estava apaixonado por ela e que sempre que estavam juntos ele tinha de se esforçar para não a beijar ou tocar.

Por outro lado, quando ela lhe disse que achava Ingrid Bergman muito bonita, ele respondeu com uma risada depreciativa, olhou-a nos olhos e disse, com a mais calma das certezas, que Ingrid Bergman não lhe chegava aos calcanhares.

Por outro lado, houve o dia frio no final de novembro em que ele apareceu sem avisar no estúdio de Schneiderman e pediu para lhe tirarem o retrato – não Schneiderman, mas ela.

Por outro lado, os pais dela gostavam dele, Schneiderman gostava dele, e até Mildred, a Duquesa do Pretensiosismo, expressou a sua opinião favorável anunciando que Rose se podia ter saído bem pior.

Por outro lado, ele tinha os seus momentos de inspiração, acessos inexplicáveis de turbulência em que algo em si era temporariamente libertado e ele se transformava num brincalhão temerário e chalaceiro, como, por exemplo, na noite em que se exibiu a Rose na cozinha do apartamento dos pais dela ao fazer malabarismo com três ovos crus, mantendo-os no ar num assombro de velocidade e precisão por uns bons dois minutos antes de um deles se esborrachar no chão, após o que deixou os outros dois cair de propósito, pedindo desculpa pela confusão com o encolher de ombros de um cómico mudo e uma declaração monossilábica: Ups.

Viram-se duas vezes por semana ao longo daqueles quatro meses, e mesmo que Rose não pudesse dar o seu coração a Stanley como ele lhe dera o seu, ela estava-lhe agradecida por a ter levantado do chão e posto de novo em pé. Mantendo-se tudo igual, ela ter-se-ia contentado em continuar como estavam por algum tempo, mas precisamente quando começava a sentir-se confortável com ele, a gostar do jogo que estavam a fazer juntos, Stanley mudou as regras abruptamente.

Foi em finais de janeiro de 1944. Na Rússia, o cerco de novecentos dias a Leninegrado tinha acabado recentemente; em Itália, os Aliados estavam retidos pelos Alemães em Monte Cassino; no Pacífico, tropas americanas estavam prestes a lançar um ataque às Ilhas Marshall; e na frente doméstica, na orla de Central Park, em Nova Iorque, Stanley

estava a pedir Rose em casamento. Um luminoso sol de inverno ardia lá no alto, o céu limpo era de um azul intenso e cintilante, o azul cristalino que envolve Nova Iorque apenas em certos dias de janeiro, e naquela soalheira tarde de domingo a milhares de quilómetros do massacre e da carnificina da guerra interminável, Stanley estava a dizer-lhe que tinha de ser casamento ou nada, que a venerava, que nunca se tinha sentido assim com ninguém, que toda a forma do seu futuro dependia dela, e se ela o recusasse, ele nunca mais a veria, a ideia de voltar a vê-la seria simplesmente insuportável para si, e portanto desapareceria da vida dela de vez.

Ela pediu-lhe uma semana. Era tudo tão súbito, disse Rose, tão inesperado, precisava de algum tempo para pensar no assunto. Claro, disse Stanley, tira uma semana para pensar nisso, telefonar-lhe-ia no domingo seguinte, dali a uma semana, e então, mesmo antes de se separarem, à entrada do parque de Fifty-ninth Street, beijaram-se pela primeira vez, e pela primeira vez desde que se tinham conhecido, Rose viu lágrimas a brilhar nos olhos de Stanley.

O desfecho, claro, foi escrito há muito tempo. Não só consta como uma entrada na edição completa e autorizada de *O Livro da Vida Terrestre*, como também pode ser encontrado no Arquivo de Manhattan, onde o registo nos diz que Rose Adler e Stanley Ferguson se casaram no dia 6 de abril de 1944, exatamente dois meses antes da invasão dos Aliados na Normandia. Sabemos o que Rose decidiu, portanto, mas como e porque chegou à sua decisão foi uma questão complexa. Houve muitos elementos envolvidos, cada um a trabalhar em cooperação e em oposição com os outros, e como ela estava indecisa em relação a todos eles, acabou por ser uma semana difícil, angustiante, para a futura mãe de Ferguson. Primeiro: Sabendo que Stanley era um homem de palavra, não lhe agradava a ideia de nunca mais o ver. Para todos os efeitos, depois de Nancy, ele era agora o seu melhor amigo. Segundo: Ela já tinha vinte e um anos, ainda jovem o suficiente para ser considerada jovem mas não tão jovem como a maioria das noivas naquele tempo, visto que não era raro as raparigas porem vestidos de casamento aos dezoito ou dezanove, e a última coisa que Rose queria para si era ficar solteira. Terceiro: Não, ela não amava Stanley, mas era um facto comprovado que nem todos os casamentos de amor se transformavam em casamentos bem-sucedidos, e segundo o que ela tinha lido em algum lado, os casamentos arrançados predominantes em certas culturas estrangeiras tradicionais não eram nem mais nem menos felizes do que

os casamentos no Ocidente. Quarto: Não, ela não amava Stanley, mas a verdade era que não conseguia amar ninguém, não com o Grande Amor que sentira por David, visto que o Grande Amor só surge uma vez na vida de uma pessoa, e portanto ela teria de aceitar algo abaixo do ideal se não queria passar o resto dos seus dias sozinha. Quinto: Não havia nada em Stanley que a incomodasse ou enojasse. A ideia de ter sexo com ele não a repugnava. Sexto: Ele amava-a loucamente e tratava-a com carinho e respeito. Sétimo: Numa conversa hipotética sobre o casamento, apenas duas semanas antes, ele dissera-lhe que as mulheres deviam ser livres de seguir os seus próprios interesses, que as suas vidas não deviam girar exclusivamente à volta dos maridos. Estava a falar de trabalho?, perguntou ela. Sim, trabalho, respondeu ele – entre outras coisas. O que queria dizer que casar com Stanley não implicaria deixar Schneiderman, que podia continuar a aprender a ser fotógrafa. Oitavo: Não, ela não amava Stanley. Nono: Havia muitas coisas nele que admirava, não havia dúvida de que o que ele tinha de bom ultrapassava nitidamente o não tão bom, mas porque é que ele estava sempre a adormecer no cinema? Estava cansado de trabalhar muitas horas na loja, ou aquelas pálpebras caídas denunciavam uma falta de ligação ao mundo dos sentimentos? Décimo: Newark! Seria possível viver ali? Décimo primeiro: Newark era decididamente um problema. Décimo segundo: Estava na altura de ela deixar a casa dos pais. Era demasiado velha para estar naquele apartamento agora, e por muito que gostasse da mãe e do pai, desprezava-os aos dois pela sua hipocrisia – o pai por ser um mulherengo impenitente, a mãe por fingir ignorar esse facto. Ainda no outro dia, por acaso, quando ela ia a pé almoçar ao restaurante de venda automática perto do estúdio de Schneiderman, tinha apanhado o pai a andar de braço dado com uma mulher que nunca tinha visto, uma mulher quinze ou vinte anos mais nova do que ele, e tinha-se sentido tão enojada e zangada que quisera aproximar-se do pai e dar-lhe um murro na cara. Décimo terceiro: Se casasse com Stanley, finalmente venceria Mildred em alguma coisa, mesmo que não fosse claro que Mildred tivesse qualquer interesse em casar. Por enquanto, a irmã parecia contentar-se em saltar de um caso breve para outro. Ainda bem para Mildred, mas Rose não estava interessada em viver assim. Décimo quarto: Stanley ganhava dinheiro, e pelo andar da carruagem, ganharia mais dinheiro com o passar do tempo. Havia consolo nesse pensamento, mas também alguma ansiedade. Para ganhar dinheiro, era necessário estar sempre a pensar em dinheiro. Seria possível viver com

um homem cuja única preocupação era a sua conta bancária? Décimo quinto: Stanley achava que ela era a mulher mais bonita de Nova Iorque. Ela sabia que não era verdade, mas não duvidava que Stanley acreditasse sinceramente nisso. Décimo sexto: Não havia mais ninguém no horizonte. Mesmo que Stanley nunca pudesse ser outro David, era vastamente superior ao monte de choramingas que Nancy lhe arranjara. Pelo menos Stanley era um adulto. Pelo menos Stanley nunca se queixava. Décimo sétimo: Stanley era judeu tal como ela era judia, um membro leal da tribo mas sem interesse em praticar a religião ou jurar fidelidade a Deus, o que implicaria uma vida livre do ritual e da superstição, nada mais do que presentes no Hanukkah, *matzo* e as quatro perguntas uma vez por ano na primavera, circuncisão para um rapaz se alguma vez tivessem um rapaz, mas nada de orações, nada de sinagogas, nada de fingir acreditar naquilo em que ela não acreditava, naquilo em que eles não acreditavam. Décimo oitavo: Não, ela não amava Stanley, mas Stanley amava-a a ela. Talvez isso fosse suficiente para começar, um primeiro passo. Depois disso, quem sabia?

Passaram a lua de mel numa estância, na margem de um lago, nas Adirondack, uma iniciação de uma semana aos segredos da vida conjugal, curta mas infundável, uma vez que cada momento parecia ter recebido o peso de uma hora ou de um dia, pela mera novidade de tudo o que estavam a experimentar, um período de nervos e ajustes tensos, de pequenas vitórias e revelações íntimas, durante o qual Stanley deu a Rose as suas primeiras aulas de condução e lhe ensinou os rudimentos do ténis, e depois regressaram a Newark e instalaram-se no apartamento onde passariam os primeiros anos do casamento, um apartamento com dois quartos em Van Velsor Place, na zona de Weequahic. O presente de casamento de Schneiderman para ela tinha sido um mês de férias pagas, e nas três semanas antes de voltar ao trabalho, Rose aprendeu, num frenesi, a cozinhar sozinha, confiando exclusivamente no velho e robusto manual de culinária que a mãe lhe tinha dado no aniversário, *The Settlement Cook Book*, que tinha o subtítulo, *The Way to a Man's Heart*¹, um volume de seiscentas e vinte e três páginas compilado por Mrs. Simon Kander que incluía «Receitas Testadas das Cozinhas da Escola Pública de Milwaukee, do Liceu Técnico e de Comércio para Raparigas, de Dietistas Autorizados e de Donas de

¹ «O caminho para o coração de um homem» (*N. do T.*)

Casa Experientes.» Houve muitos desastres no início, mas Rose sempre fora rápida a aprender, e sempre que se propunha a conseguir alguma coisa, geralmente acabava por fazê-lo com relativo sucesso, mas mesmo naqueles primeiros dias de tentativa e erro, de carnes demasiado passadas e legumes flácidos, de tartes pegajosas e puré de batata grumoso, Stanley nunca lhe disse uma palavra negativa. Por muito má que fosse a refeição que ela lhe servia, ele enfiava calmamente cada pedaço dela na boca, mastigava com aparente prazer e depois, todas as noites, todas as noites sem falta, levantava a cabeça e dizia-lhe que estava delicioso. Por vezes, Rose perguntava-se se Stanley não estava a brincar com ela, ou se não estava demasiado distraído para reparar no que ela lhe tinha dado, mas o que acontecia com a comida que ela cozinhava, acontecia com tudo o que dizia respeito à vida conjugal deles, e assim que Rose começou a prestar atenção, isto é, a somar todos os casos de potencial discórdia entre eles, chegou à conclusão surpreendente, completamente inimaginável, de que *Stanley nunca a criticava*. Para ele, ela era um ser perfeito, uma mulher perfeita, uma esposa perfeita, e portanto, como numa proposição teológica que afirmasse a existência inevitável de Deus, tudo o que ela fazia e dizia e pensava era necessariamente perfeito, tinha necessariamente de ser perfeito. Depois de partilhar um quarto com Mildred durante a maior parte da sua vida, a mesma Mildred que punha fechaduras nas gavetas da sua cómoda para impedir a irmã mais nova de usar a roupa dela, a mesma Mildred que lhe chamava *cabeça oca* por ir tantas vezes ao cinema, agora partilhava um quarto com um homem que achava que ela era perfeita, e o homem, além disso, nesse mesmo quarto, estava rapidamente a aprender como tocá-la de todas as formas que ela mais gostava.

Newark era uma seca, mas o apartamento tinha mais espaço e mais luz do que a casa dos pais, do outro lado do rio, e toda a mobília era nova (a melhor que a 3 Brothers Home World tinha para oferecer, que não era a melhor de todas, talvez, mas bastava por enquanto), e assim que ela recomeçou a trabalhar para Schneiderman, a cidade continuou a ser uma parte fundamental da sua vida, a diletta, decadente e devoradora Nova Iorque, a capital dos rostos humanos, a Babel horizontal das línguas humanas. O trajeto diário de Rose consistia num autocarro lento até ao comboio, uma viagem de doze minutos de uma Penn Station até à outra e depois uma curta caminhada até ao estúdio de Schneiderman, mas a viagem não a incomodava, não quando havia tanta gente para observar, e ela gostava particularmente do momento

em que o comboio chegava a Nova Iorque e parava, a que se seguia sempre uma breve pausa, como se o mundo estivesse a sustentar a respiração em expectativa silenciosa, e depois as portas abriam-se e toda a gente saía a correr, carruagem atrás de carruagem a vomitar passageiros para a plataforma subitamente apinhada, e ela deliciava-se com a rapidez e a objetividade daquela multidão, toda a gente a investir na mesma direção, e ela parte daquilo, no meio daquilo, a caminho do trabalho como todos os outros. Fazia-a sentir-se independente, ligada a Stanley mas ao mesmo tempo sozinha, o que era uma sensação nova, uma sensação boa, e ao subir a rampa e juntar-se a mais uma multidão ao ar livre, dirigia-se a West Twenty-seventh Street a imaginar as diferentes pessoas que iriam ao estúdio naquele dia, as mães e os pais com as suas crianças recém-nascidas, os rapazinhos com os seus uniformes de *baseball*, os casais idosos sentados lado a lado para o retrato do quadragésimo ou quinquagésimo aniversário de casamento, as raparigas sorridentes com o traje académico, as mulheres dos clubes femininos, os homens dos clubes masculinos, os polícias novatos com a sua farda de cerimónia e claro os soldados, sempre mais e mais soldados, por vezes com as mulheres ou namoradas ou pais, mas geralmente sozinhos, soldados solitários de licença em Nova Iorque, ou regressados a casa da frente, ou prestes a rumar a qualquer parte para matar ou ser mortos, e ela rezava por todos eles, rezava para que eles regressassem com os membros ligados a corpos que ainda respiravam, rezava, todas as manhãs enquanto caminhava de Penn Station até West Twenty-seventh Street, para que a guerra acabasse em breve.

Não houve arrependimentos sérios, portanto, nem reconsiderações extenuantes por ter aceitado a proposta de Stanley, mas o casamento veio, todavia, com certos inconvenientes, nenhum dos quais podia ser diretamente atribuído a Stanley, mas ainda assim, ao casar com ele, Rose também tinha casado com a família dele, e sempre que a juntavam àquele trio mal-amanhado de inadaptados, interrogava-se como Stanley tinha conseguido sobreviver à sua infância sem ficar tão louco como eles eram. Antes de mais a mãe dele, a ainda enérgica Fanny Ferguson, entre os sessenta e cinco e os setenta anos por esta altura, que não tinha mais de um metro e sessenta, uma resmungona de cabelo branco, semblante carrancudo e vigilância nervosa, a resmonear consigo mesma sentada sozinha no sofá nas reuniões de família, sozinha porque ninguém se atrevia a aproximar-se dela, especialmente os seus cinco netos, com idades entre os seis e os onze anos, que pareciam nitidamente ter um

medo de morte dela, pois Fanny não hesitava em dar-lhes um sopapo na cabeça sempre que eles saíam da linha (se é que infrações como rir, berrar, saltar, esbarrar em mobília e arrotar alto podiam ser consideradas sair da linha), e quando não conseguia aproximar-se o suficiente para desferir um sopapo, gritava-lhes numa voz que fazia tremer os abajures. Quando Rose a conheceu, Fanny apertou-lhe a bochecha (com força suficiente para doer) e declarou que era uma bela rapariga. Depois passou a ignorá-la durante o resto da visita, o que continuara a fazer em todas as visitas desde então, não havendo mais interação entre elas do que as formalidades vazias do olá e do adeus, mas como Fanny demonstrava a mesma indiferença para com as suas duas outras noras, Millie e Joan, Rose não levava aquilo a peito. Fanny só queria saber dos filhos, os filhos que a sustentavam e apareciam respeitadamente em casa dela todas as sextas à noite para jantar, mas as mulheres com quem os filhos tinham casado não passavam de sombras para ela, e na maioria das vezes tinha dificuldade em lembrar-se dos seus nomes. Nada disto incomodava muito Rose, cujas relações com Fanny eram escassas e irregulares, mas os irmãos de Stanley eram outra história, uma vez que trabalhavam para ele e viam-no todos os dias, e depois de absorver o facto assombroso de serem dois dos homens mais bonitos que já vira, deuses masculinos parecidos com Errol Flynn (Lew) e Cary Grant (Arnold), começou a desenvolver uma intensa antipatia por ambos. Eram fúteis e desonestos, achava ela, Lew, o mais velho, não desprovido de inteligência mas prejudicado pela sua propensão para apostar em jogos de futebol americano e *baseball*, e o mais novo, Arnold, quase atrasado mental, um devasso de olhos vidrados que bebia demasiado e nunca perdia uma oportunidade de lhe tocar nos braços e nos ombros, de lhe apertar os braços e os ombros, que lhe chamava *Boneca* e *Querida* e *Linda* e a enchia de uma repulsa cada vez mais profunda. Detestava que Stanley lhes tivesse dado emprego na loja, e detestava que eles o gozassem pelas costas e por vezes até na cara dele, o bom Stanley, que era cem vezes melhor do que eles, e todavia Stanley fingia não reparar, aturava a maldade e a preguiça e o escárnio deles sem uma palavra de protesto, mostrando tanta paciência que Rose se interrogava se não teria inadvertidamente casado com um santo, uma daquelas almas raras que nunca pensavam mal de ninguém, mas por outro lado, concluiu ela, talvez não passasse de um banana, alguém que nunca tinha aprendido a defender-se e lutar. Com pouca ou nenhuma ajuda dos irmãos, tinha tornado a 3 Brothers Home World num negócio lucrativo, um

empório grande, e com iluminação fluorescente, de poltronas e rádios, de mesas de jantar e frigoríficos, de mobília de quarto e misturadores *Waring*, uma operação de elevado volume e qualidade média que servia uma clientela com rendimentos médios e baixos, uma maravilhosa ágora do século xx, à sua maneira, mas após várias visitas nas semanas a seguir à lua de mel, Rose tinha deixado de ir à loja – não só porque estava a trabalhar de novo, mas também porque se sentia desconfortável ali, infeliz, completamente deslocada entre os irmãos de Stanley.

Ainda assim, esta desilusão com a família era um tanto atenuada pelas mulheres e os filhos dos irmãos, os Ferguson que não eram realmente Ferguson, aqueles que não tinham passado pelas calamidades que haviam atingido Ike e Fanny e os seus filhos, e Rose depressa se tornou amiga de Millie e Joan. Ambas eram anos mais velhas do que ela (trinta e quatro e trinta e dois), mas acolheram-na na tribo como um membro igual, concedendo-lhe pleno estatuto no dia do seu casamento, o que implicava, entre outras coisas, que lhe tinha sido dado o direito de ser posta ao corrente de todos os segredos das cunhadas. Rose ficou especialmente impressionada com Millie, a loquaz fumadora compulsiva, uma mulher tão esguia que em vez de ossos parecia ter arame debaixo da pele, uma pessoa inteligente e obstinada que compreendia o tipo de homem com quem tinha casado, mas por muito leal que fosse ao seu marido intriguista e devasso, isso não a impedia de emitir uma torrente constante de piadas irónicas sobre ele, apartes tão inteligentes e cáusticos que Rose às vezes tinha de sair da sala com receio de rir de mais. Ao lado de Millie, Joan era uma espécie de simplória, mas tão terna e generosa que ainda não lhe ocorrera que era casada com um cretino, e no entanto, que boa mãe era, achava Rose, tão meiga e paciente e atenciosa, ao passo que a língua afiada de Millie metia-a muitas vezes em complicações com os filhos, que eram menos bem-comportados do que os de Joan. Os dois de Millie eram Andrew, de onze anos, e Alice, de nove, os três de Joan eram Jack, de dez anos, Francie, de oito, e Ruth, de seis. Todos agradavam a Rose, à sua maneira, exceto Andrew, talvez, que parecia ter um lado duro e beligerante, o que levava a decomposturas frequentes de Millie por bater na sua irmã mais nova, mas de quem Rose gostava mais era de Francie, era sem dúvida Francie, simplesmente não conseguia evitá-lo, a criança era tão bonita, tão excepcionalmente viva, e quando se conheceram foi como se se apaixonassem à primeira vista, com a alta e arruivada Francie a precipitar-se para os braços de Rose e a dizer, tia Rose, a minha nova tia Rose, és tão

bonita, tão, tão bonita, e agora podemos ser amigas para sempre. Assim começou, e assim continuou depois, cada uma encantada com a outra, e para Rose havia poucas coisas melhores neste mundo do que quando Francie lhe subia para o colo e começava a falar-lhe na escola, no último livro que tinha lido, ou na amiga que lhe tinha dito algo desagradável, ou no vestido que a mãe lhe ia comprar para os anos. A menina relaxava na suavidade reconfortante do corpo de Rose, e enquanto falava, Rose afagava-lhe a cabeça ou a face ou as costas, e em breve Rose sentia que estava a flutuar, que as duas tinham deixado a sala e a casa e a rua e estavam a flutuar pelo céu juntas. Sim, aquelas reuniões de família podiam ser horríveis, mas também havia compensações, pequenos milagres inesperados que ocorriam nos momentos mais improváveis, pois os deuses eram irracionais, decidiu Rose, e faziam as suas oferendas quando e onde lhes apetecia.

Rose queria ser mãe, dar à luz uma criança, carregar uma criança, ter um segundo coração a bater dentro de si. Nada contava tanto como isso, nem sequer o seu trabalho com Schneiderman, nem sequer o plano a longo prazo, por enquanto mal definido, de um dia se lançar por conta própria como fotógrafa, de abrir um estúdio com o seu nome no letreiro por cima da porta. Estas ambições não significavam nada quando as comparava com o simples desejo de trazer uma pessoa nova ao mundo, o seu próprio filho ou filha, o seu próprio bebé, e ser uma mãe para essa pessoa durante o resto da vida dela. Stanley fez o que lhe competia, fazendo amor com ela sem proteção e engravidando-a três vezes nos primeiros dezoito meses do casamento deles, mas por três vezes Rose abortou, três vezes no terceiro mês de gravidez, e quando celebraram o segundo aniversário de casamento em abril de 1946, ainda não tinham filhos.

Os médicos diziam que ela não tinha problema nenhum, que gozava de boa saúde e acabaria por levar uma gravidez até ao fim, mas estas perdas eram um fardo pesado para Rose, e à medida que um bebé inato sucedia a outro, à medida que um falhanço levava a outro, ela começou a sentir que a sua própria feminilidade lhe estava a ser roubada. Chorava durante dias após cada colapso, chorava como não chorara desde os meses posteriores à morte de David, e a normalmente otimista Rose, a sempre resistente e lúcida Rose, caía num desânimo de pesar e mórbida autocomiseração. Se não fosse Stanley, ninguém sabe até que ponto podia ter caído, mas ele manteve-se firme e composto, imperturbado pelas lágrimas dela, e depois de cada bebé perdido

garantia-lhe que era apenas um revés temporário e tudo acabaria por correr bem. Ela sentia-se tão próxima de Stanley quando ele lhe falava assim, tão grata pela sua bondade, tão imensamente bem-amada. Não acreditava numa palavra do que ele dizia, claro – como podia quando todas as provas declaravam que estava enganado? –, mas apaziguava-a ouvir mentiras tão reconfortantes. Ainda assim, ficava perplexa com a calma com que ele aceitava o anúncio de cada aborto, com a ausência de tormento perante as brutais e sangrentas expulsões dos seus filhos inatos do corpo dela. Seria possível, interrogou-se ela, que Stanley não partilhasse do seu desejo de ter filhos? Talvez ele nem tivesse consciência deste sentimento, mas e se quisesse, secretamente, que as coisas ficassem como estavam, continuar a tê-la só para si, uma mulher sem lealdades divididas, sem uma separação nos seus afetos entre criança e pai? Ela nunca se atreveu a expressar estes pensamentos a Stanley, nunca teria sonhado insultá-lo com estas suspeitas infundadas, mas a dúvida persistia, e ela perguntou-se se Stanley não teria sido demasiado bom nos papéis de filho, irmão e marido, e se fosse esse o caso, talvez não sobrasse espaço nele para a paternidade.

No dia 5 de maio de 1945, três dias antes de a guerra na Europa acabar, o tio Archie morreu de um ataque cardíaco. Tinha quarenta e nove anos, uma idade grotescamente prematura para qualquer pessoa morrer, e para tornar as circunstâncias ainda mais grotescas, o funeral foi no Dia da Vitória na Europa, pelo que, depois de a entorpecida família Adler deixar o cemitério e regressar ao apartamento de Archie em Flatbush Avenue, em Brooklyn, havia pessoas a dançar nas ruas do bairro, a tocar a buzina dos seus carros e a gritar em buliçosa alegria para celebrar o fim de metade da guerra. O barulho continuou durante horas, enquanto a mulher de Archie, Pearl, as suas filhas gémeas, Betty e Charlotte, de dezanove anos, os pais e a irmã de Rose, Rose e Stanley, os quatro membros sobreviventes do Downtown Quintet e mais uma dúzia de amigos, parentes e vizinhos se reuniam, sentados ou em pé, no apartamento silencioso com as cortinas corridas. A boa notícia que todos esperavam há tanto tempo parecia escarnecer do horror da morte de Archie, e as vozes de júbilo e cantoria lá fora soavam a uma profanação impiedosa, como se todo o bairro de Brooklyn estivesse a dançar sobre a campa de Archie. Foi uma tarde que Rose nunca esqueceria. Não só pela sua mágoa, que por si só já era bastante memorável, mas também porque Mildred ficou tão perturbada que bebeu sete *whiskies* e desmaiou no sofá, e porque foi a primeira vez na vida que viu o pai

ceder às lágrimas. Foi também a tarde em que Rose disse a si própria que se alguma vez tivesse a sorte de ter um filho, chamar-lhe-ia Archie.

As grandes bombas caíram sobre Hiroxima e Nagasáqui em agosto, a outra metade da guerra chegou ao fim e em meados de 1946, dois meses depois do segundo aniversário de casamento de Rose, Schneiderman disse-lhe que tencionava reformar-se em breve e estava à procura de alguém para lhe comprar o negócio. Dado o progresso que ela tinha feito nos últimos anos, disse ele, dado que se havia tornado uma fotógrafa hábil e competente, ele queria saber se ela estava interessada em substituí-lo. Era o melhor elogio que ele alguma vez lhe fizera. No entanto, embora se sentisse lisonjeada, Rose sabia que não era a altura certa, pois ela e Stanley haviam passado o ano anterior a pôr de lado todo o dinheiro extra para comprarem uma casa nos subúrbios, uma casa unifamiliar com um jardim nas traseiras, árvores e uma garagem de dois carros, e não tinham dinheiro para comprar a casa e o estúdio. Ela disse a Schneiderman que teria de discutir o assunto com o marido, o que fez prontamente essa noite depois do jantar, esperando, sem dúvida, que Stanley lhe dissesse que estava fora de questão, mas ele surpreendeu-a dizendo que a escolha era sua, que se estivesse disposta a desistir da ideia da casa, podia ficar com o estúdio, desde que o custo fosse comportável para eles. Rose ficou estupefacta. Sabia que Stanley estava empenhado em comprar a casa, e de repente ele estava a dizer-lhe que o apartamento servia perfeitamente, que não se importava de viver ali mais uns anos, o que era tudo falso, e como ele lhe estava a mentir assim, a mentir porque a adorava e queria que tivesse tudo o que desejasse, algo mudou em Rose nessa noite, e ela compreendeu que estava a começar a amar Stanley, amá-lo verdadeiramente, e se a vida continuasse a correr assim por muito mais tempo, até era possível que se apaixonasse por ele, que fosse atingida por um impossível segundo Grande Amor.

Não sejamos precipitados, disse ela. Eu também tenho sonhado com aquela casa, e saltar de assistente para chefe é um grande passo. Não sei se estou preparada para isso. Podemos pensar melhor no assunto?

Stanley concordou em pensar melhor no assunto. Quando Rose viu Schneiderman no trabalho na manhã seguinte, também ele concordou em deixá-la pensar melhor no assunto, e dez dias depois de ela começar a pensar, descobriu que estava grávida de novo.

Nos últimos meses, tinha ido a um médico novo, um homem em quem confiava chamado Seymour Jacobs, um médico bom e

inteligente, a seu ver, que a ouvia atentamente e não tirava conclusões precipitadas, e devido ao historial dela com os três abortos espontâneos, Jacob aconselhou-a a deixar de viajar para Nova Iorque todos os dias, a parar de trabalhar durante a gravidez, e a ficar em casa, com tanto descanso quanto possível. Ele sabia que estas medidas pareciam drásticas e um pouco antiquadas, mas estava preocupado com Rose e esta podia ser a sua última boa oportunidade de ter um filho. *A minha última oportunidade*, disse Rose para consigo, enquanto continuava a ouvir o médico de quarenta e dois anos, nariz grande e ternos olhos castanhos, a explicar-lhe como conseguir ser mãe. Acabou-se o tabaco e o álcool, acrescentou ele. Uma dieta rigorosa, rica em proteínas, suplementos vitamínicos diários e um programa de exercícios especiais. Ele iria visitá-la de quinze em quinze dias e logo que sentisse a mais leve pontada ou dor, devia pegar no telefone e marcar o número dele. Estava tudo entendido?

Sim, estava tudo entendido. E assim acabou o dilema de comprar uma casa ou o estúdio, o que por sua vez pôs termo aos seus dias com Schneiderman, para não falar em interromper o seu trabalho como fotógrafa e pôr a sua vida de pernas para o ar.

Rose estava ao mesmo tempo eufórica e confusa. Eufórica por saber que ainda tinha uma hipótese; confusa por não saber como ia lidar com o que equivalia a sete meses de prisão domiciliária. Havia um número infinito de ajustes para fazer, não só da parte dela mas também de Stanley, visto que agora era ele quem teria de ir às compras e cozinhar a maioria das vezes, o pobre Stanley, que já trabalhava tanto e até tão tarde, e depois haveria a despesa extra de empregar uma mulher para limpar o apartamento e tratar da roupa uma ou duas vezes por semana, quase todos os aspetos da vida quotidiana seriam alterados, as suas horas de vigília seriam doravante governadas por um sem-número de interdições e constrangimentos, não levantar objetos pesados, não deslocar a mobília, não se esforçar para abrir uma janela perra durante uns dias de calor no verão, teria de vigiar-se a si mesma, tomar consciência dos milhares de coisas, pequenas e grandes, que sempre fizera inconscientemente, e claro que não haveria mais ténis (de que aprendera a gostar) nem mais natação (de que gostava desde menina). Por outras palavras, a vigorosa, atlética e agitada Rose, que se sentia mais confortável sempre que estava envolvida num turbilhão de absorvente e vertiginosa atividade, teria de aprender a ficar quieta.

Inesperadamente, foi Mildred quem a salvou da perspetiva de um tédio mortal, quem interveio e transformou aqueles meses de imobilidade

no que Rose mais tarde descreveria ao filho como *uma grandiosa aventura*.

Não podes passar o dia sentada no apartamento a ouvir rádio e a ver aqueles disparates na televisão, disse Mildred. Porque é que não pões o teu cérebro a trabalhar, por uma vez, e aproveitas para te atualizar?

Atualizar?, disse Rose, não percebendo de que falava Mildred.

Podes não perceber, disse a irmã, mas o teu médico deu-te uma prenda extraordinária. Tornou-te uma prisioneira, e a única coisa que os prisioneiros têm e as outras pessoas não é tempo, quantidades intermináveis de tempo. Lê livros, Rose. Começa a instruir-te. Esta é a tua oportunidade, e se quiseres a minha ajuda, dou-ta de bom grado.

A ajuda de Mildred assumiu a forma de uma lista de leitura, de várias listas de leitura ao longo dos meses seguintes, e com os cinemas temporariamente interditos, pela primeira vez na vida Rose satisfez a sua fome de histórias com romances, romances bons, não os policiais e *bestsellers* para que se poderia ter inclinado sozinha, mas os livros que Mildred recomendou, clássicos, sem dúvida, mas sempre selecionados a pensar em Rose, livros de que Mildred achava que Rose ia gostar, pelo que *Moby Dick* e *Ulisses* e *A Montanha Mágica* nunca constaram em nenhuma das listas, uma vez que esses livros teriam sido demasiado intimidantes para a fraca instrução de Rose, mas quanta mais escolha havia, e à medida que os meses avançavam e o bebé crescia dentro dela, Rose passava os dias imersa nas páginas dos livros, e embora houvesse algumas desilusões entre as dúzias de volumes que leu (*O Sol Nasce Sempre*, por exemplo, que lhe pareceu falso e superficial), quase todos os outros a fascinaram e cativaram do princípio ao fim, entre eles *Terna é a Noite*, *Orgulho e Preconceito*, *A Casa da Felicidade*, *A Vida Amorosa de Moll Flanders*, *A Feira das Vaidades*, *O Monte dos Vendavais*, *Madame Bovary*, *A Cartuxa de Parma*, *Primeiro Amor*, *Dublinenses*, *Luz em Agosto*, *David Copperfield*, *A Vida era Assim Em Middlemarch*, *Washington Square*, *A Letra Escarlate*, *Rua Principal*, *A Paixão de Jane Eyre* e muitos outros, mas de todos os autores que descobriu durante a sua reclusão, foi Tolstoi quem mais a tocou, o demoníaco Tolstoi, que compreendia toda a vida, parecia-lhe, tudo o que havia para saber do coração humano e da mente humana, independentemente de estes pertencerem a um homem ou a uma mulher, e como era possível, interrogou-se ela, um homem saber o que Tolstoi sabia sobre as mulheres, não fazia sentido que um homem pudesse ser todos os homens e todas as mulheres, e portanto ela devorou a maior parte do que Tolstoi

escrevera, não só os grandes romances como *Guerra e Paz*, *Anna Karénina* e *Ressurreição*, mas também as obras mais pequenas, as novelas e os contos, nenhuma mais poderosa para ela do que as cem páginas de *A Felicidade Conjugal*, a história de uma jovem noiva e da sua desilusão gradual, uma obra que a afetou tanto que ela chorou no fim, e quando Stanley regressou a casa nessa noite, ficou assustado ao vê-la naquele estado, pois embora Rose tivesse acabado o livro às três da tarde, os seus olhos ainda estavam húmidos de lágrimas.

Previa-se que o bebé nascesse a 16 de março de 1947, mas às dez da manhã do dia 2 de março, duas horas depois de Stanley sair para o trabalho, Rose, ainda de camisa de noite e sentada na cama com a *História de Duas Cidades* apoiada na vertente norte da sua enorme barriga, sentiu uma súbita pressão na bexiga. Presumindo que tinha de fazer chichi, libertou-se lentamente do lençol e dos cobertores que a tapavam, deslocou pouco a pouco o seu montanhoso volume até à beira da cama, pôs os pés no chão e levantou-se. Antes de conseguir dar um passo na direção da casa de banho, sentiu um fluxo de líquido quente a correr pela parte interior das suas coxas. Rose não se mexeu. Estava virada para a janela, e quando olhou lá para fora viu que uma leve e vaporosa neve caía do céu. Tudo parecia muito tranquilo naquele momento, disse ela para consigo, como se nada no mundo se movesse exceto a neve. Voltou a sentar-se na cama e telefonou para a 3 Brothers Home World, mas a pessoa que atendeu o telefone disse-lhe que Stanley tinha saído para fazer um recado e só voltava depois do almoço. Então telefonou ao Dr. Jacobs, cuja secretária a informou de que ele acabara de sair do consultório para atender a uma chamada ao domicílio. Sentindo algum pânico agora, Rose pediu à secretária para dizer ao médico que estava a caminho do hospital e depois marcou o número de Millie. A cunhada atendeu ao terceiro toque, e foi portanto Millie quem veio buscá-la. Durante a curta viagem até à maternidade do Beth Israel, Rose contou-lhe que ela e Stanley já haviam escolhido nomes para a criança que estava prestes a nascer. Se fosse uma menina, chamar-lhe-iam Esther Ann Ferguson. Se fosse um rapaz, cumpriria a sua vida como Archibald Isaac Ferguson.

Millie olhou para o espelho retrovisor e estudou Rose, que estava esparramada no banco de trás. Archibald, disse ela. Tens a certeza em relação a esse?

Sim, temos a certeza, respondeu Rose. Por causa do meu tio Archie. E Isaac por causa do pai do Stanley.

Esperemos só que seja um miúdo duro, disse Millie. Estava prestes a continuar, mas antes de conseguir proferir outra palavra, tinham chegado à entrada do hospital.

Millie reuniu as tropas, e quando Rose deu à luz o seu filho às 2h07 da manhã seguinte, toda a gente estava lá: Stanley e os pais dela, Mildred e Joan, e até a mãe de Stanley. Assim nasceu Ferguson, e por vários segundos depois de emergir do corpo da sua mãe, foi o ser humano mais jovem à face da Terra.

ASA